

Leonie Frieda

CATARINA *de* MÉDICI

PODER, ESTRATÉGIA, TRAIÇÕES E CONFLITOS

A rainha que mudou a França

Tradução

Luis Reyes Gil

 **Planeta**

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

SUMÁRIO

Mapas	9
Genealogia	12
Personagens principais	15
Introdução e agradecimentos	19
PRÓLOGO: a morte de um rei	25

PARTE UM

I Uma órfã de Florença	39
II “A maior união do mundo”	63
III Uma esposa estéril	83
IV A consorte eclipsada	109
V A crescente importância de Catarina	136

PARTE DOIS

VI Uma parceria difícil	167
VII “ <i>Gouvernante de France</i> ”	194
VIII A primeira guerra religiosa	217
IX A grande viagem	238
X O fim da conciliação	257
XI O casamento de Margot é acertado	287
XII O massacre	316

xiii Os últimos anos de Carlos IX	346
xiv Henrique III, rei da França	380
xv A traição de Alençon	417
xvi Morre a esperança	440
xvii Assim termina a raça dos Valois	473
Conclusão	483
Notas	487
Bibliografia	496
Índice remissivo	503



INTRODUÇÃO E AGRADECIMENTOS

Catarina de Médici já foi chamada de “O Verme do Túmulo da Itália”, “A Rainha Negra” e “Madame La Serpente”. Para muitos, é a própria encarnação do mal. A meu ver, trata-se de um julgamento equivocados e preconceituoso. No entanto, não está muito distante do veredito geral da história sobre uma das mulheres mais notáveis do século XVI.

Como o nome de Catarina evoca hoje todo tipo de reação, ela é frequentemente confundida com uma florentina, mecenas do Renascimento e uma envenenadora e promotora de intrigas do porte de Lucrecia Borgia. Por toda a sua vida seus inimigos a condenaram em virtude de seu país de origem, descrito por Thomas Nashe como “A academia do homicídio, o lugar onde se mata por esporte, a farmácia de venenos de todas as nações”. Como está associada na imaginação popular a qualquer evento histórico, foi o dia do Massacre de São Bartolomeu, aquele triste ato de violência, o que mais manchou o nome da Casa de Valois e de Catarina em particular. Mas quando aqueles eventos reconhecidamente terríveis de 24 de agosto de 1572 em Paris são vistos em seu devido contexto histórico, acredito que podem ser explicados mais em termos de uma operação cirúrgica que deu errado do que como um ato de genocídio premeditado.

No curso de sua vida, essa indômita mulher enfrentou uma série de tragédias e reveses pessoais, e quando não é condenada como má, é alvo de piedade pela série aparentemente infundável de golpes que sofreu. Órfã ao nascer e aprisionada durante a infância, seu casamento com Henrique de Orléans (mais tarde rei Henrique II da França), que ela amava perdidamente, causou-lhe anos de infelicidade, por ser ignorada por ele em favor de sua amante, a magnética Diana de Poitiers. Após uma década sem gerar filhos e praticamente repudiada, Catarina finalmente os teve, e foram dez – quase todos frágeis, enfermos e desfigurados. A repentina morte do marido colocou essa mulher

de quarenta anos, neófito em política, no centro do poder; e, obrigada pela necessidade, tornou-se a habilidosa e valente defensora de sua dinastia e de seu país de adoção.

Tanto quanto considerá-la má, seria igualmente equivocado rotular Catarina como vítima de suas terríveis circunstâncias. Foi, acima de tudo, uma sobrevivente corajosa e um verdadeiro produto de seu tempo. A vida, o caráter, os detalhes pessoais, as contradições, as paixões, as forças e as fraquezas, e a pura fibra dessa mulher incomparável constituem o principal fio desta história. Catarina não era guiada por crenças religiosas, nem por convicções ideológicas. Cética convicta e pragmática por natureza, nem a moral nem os remorsos atrapalharam sua luta pela sobrevivência de seus filhos, da sua dinastia e da própria França. Para compreender essa mulher complexa, devemos reconhecer que, para Catarina, filhos, a dinastia e a França tinham o mesmo peso. Após a morte do marido, e com base na sua até então silenciosa observação das lutas políticas e religiosas na França, tentou trilhar um caminho intermediário entre as partes em conflito. Mas quando a razão e a conciliação falhavam, não hesitava em valer-se do “real direito da execução sumária” para preservar o reino.

Não sou, é claro, a primeira pessoa a tentar contar a história de Catarina com objetividade. Gostaria de aproveitar plenamente esta oportunidade para agradecer as inestimáveis contribuições feitas recentemente por M. Ivan Cloulas e pelo professor Robert Knecht ao cânone dos estudos acadêmicos sobre Catarina de Médici. É apenas por conseguirem apoiar-se nos ombros desses grandes historiadores que os biógrafos são capazes de discernir a paisagem e, no meu caso, o imperativo genérico que levou Catarina a promover os interesses de seu marido e de sua progênie.

Na biografia que escreveu sobre Guilherme, o Silencioso, a historiadora C. V. Wedgwood afirmou: “A história é vivida para a frente, mas é escrita em retrospecto. Sabemos o final antes de avaliar o início, e nunca somos capazes de captar totalmente como seria se soubéssemos apenas o início”. Este livro foi escrito com esse fato historiográfico seminal em mente: ao leitor serão apresentadas as frequentemente limitadas opções políticas e pessoais de Catarina. Como seria possível ou como teríamos conseguido agir de outro modo?

Há muita coisa absurdamente ultranacionalista no desdém que muitos escritores franceses têm expressado, até recentemente, pela rainha da França nascida na Itália. Aspectos como o fato de ela ter exercido o poder em nome

de seus frágeis filhos, de governar a França mesmo tendo nascido em outro país, e de não ter sangue real, mas ainda assim ter se tornado rainha, foram suficientes para condená-la aos olhos de muitos historiadores franceses dos séculos XVIII e XIX. Sua luta constante, primeiro para acolher os huguenotes e mais tarde para conter sua ameaça, culminando com o Massacre da Noite de São Bartolomeu, condenou-a aos olhos de escritores e propagandistas tanto católicos quanto protestantes. Há também muita coisa imprecisa em termos factuais nos relatos melodramáticos desses historiadores sobre a suposta maldade de Catarina, seu apetite por vingança, nos seus bizarros relatos a respeito de seu armário de venenos e, acima de tudo, da sua simples mas letal cobiça pelo poder.

Esforcei-me para escrever uma biografia que corrija o viés histórico quase que inteiramente anti-Catarina, para que ela possa ser vista de forma objetiva pelo que foi: uma mulher de inteligência, coragem e infatigável disposição, que fez o seu melhor pelo país que amava, mesmo sendo de adoção, quando foi acoçada – e não por culpa dela – por uma longa série de perigos raramente experimentados por qualquer nação, antes ou a partir de então.

Catarina era uma mulher de contradições fascinantes, pragmática e ao mesmo tempo idealista. Apesar de sua adesão à Igreja de Roma, aborreu as diferenças entre católicos e protestantes como se pudessem ser resolvidas por meio de discussões sensatas. Sua surpreendente capacidade de ser sentimental combinava-se com uma habilidade de se distanciar de modo cruel quando assim exigido. Embora usualmente uma mulher prática e esclarecida, buscou consolo e orientação em seus adivinhos, astrólogos e no oculto. Seu amor às artes, à imponência suntuosa e à exploração de novas ideias convivia com a consciência de que, por trás das cortinas das ostentações gloriosas da corte que ela própria criava, havia também lugar para prudentes banhos de sangue, vinganças e para a adaga do assassino.

Após a morte de seu adorado marido, Henrique II, Catarina vestiu o preto do luto com orgulho. Enquanto as famosas beldades do seu “esquadrão voador” obtinham informações seduzindo seus admiradores na corte, Catarina permanecia, majestosa atrás do véu, com sua figura perpetuamente vestida de preto, em claro contraponto com o branco das ninfas. Misteriosa e enigmática quando queria ser, a rainha-mãe exasperava muitos de seus opositores políticos.

O século XVI é notável por várias razões, mas em particular pelo número de mulheres poderosas que o dominaram. Do “regimento monstruoso” de

John Knox, os exemplos mais óbvios e familiares aos leitores ingleses são Elizabeth I, Maria Tudor e Maria da Escócia. Menos conhecidas para nós são Maria de Guise, regente da Escócia, Margarete da Áustria, regente dos Países Baixos espanhóis, assim como Margarete de Parma entre 1559 e 1567, e Joana, “A Doída”, filha de Fernando e Isabel de Espanha, que herdou o trono de Castela de sua mãe em 1504. A Itália também produziu mulheres fascinantes, como Isabella d’Este, a bela duquesa de Mântua, que desempenhou um papel cultural central no ducado de seu marido e também em regiões distantes. Não há dúvida, porém, que a mulher italiana mais importante, notória e influente desse período foi de longe Catarina de Médici, filha de Florença e rainha da França.

Este livro não poderia ter sido escrito sem a ajuda e a colaboração ativa de um grande número de pessoas que generosamente doaram sua *expertise* e seu tempo sem ter em mente compensações ou recompensas. Sou tremendamente grata a elas. Em primeiro lugar, a M. Ivan Cloulas, *conservateur général honoraire* dos Arquivos Nacionais, em Paris, e à sua equipe. M. Cloulas incentivou-me a empreender este projeto. Ele e sua equipe foram sempre eficientes e gentis. O professor Robert Knecht, com sua soberba competência acadêmica e suas obras sobre Catarina de Médici, o rei Francisco I e a França do século XVI, revelou-se uma grande fonte de inspiração.

Além deles, gostaria de agradecer ao meu amigo de muitos anos, o senhor Paul Johnson, particularmente por sua inestimável ajuda tanto em relação ao Renascimento quanto às questões religiosas que predominaram no século XVI francês. O conde de Oxford e Asquith também me orientou pelos campos minados da teologia da época e me ajudou e incentivou de inúmeras outras maneiras. Similarmente, o conde doutor Niccolò Capponi foi importantíssimo na pesquisa para este livro, tanto ao disponibilizar seus preciosos contatos em Florença como pelas muitas conversas que tive com ele e pelo acesso que me propiciou ao seu arquivo particular.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer às seguintes pessoas por sua ajuda ao responderem a perguntas, orientarem minha pesquisa e fornecerem vislumbres fascinantes a respeito de Catarina de Médici, sua vida e época: doutora Franca Arduini, diretora da Biblioteca Medicea Laurenziana; condessa Brooke Capponi; doutora Alessandra Contini, Archivio di Stato di Firenze; senhor Robin Harcourt Williams, bibliotecário e arquivista, Hatfield House; doutora Giovanna Lazzi, Biblioteca Riccardiana; doutora Sabina Magrini, do escritório de relações públicas da Biblioteca Medicea Lauren-

ziana; senhora Rebecca Milner, curadora do Victoria and Albert Museum; condessa doutora Beatrice Paolozzi Strozzi, diretora do museu do Bargello; senhora Helen Pearson, curadora assistente do departamento de mobiliário, tecidos e moda do Victoria and Albert Museum; doutora Paola Pirolo, da Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze; doutor Renato Scapecchi, da Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze; doutora Margaret Scott, do History of Dress of Courtauld Institute; doutora Marilena Tamassia, do Gabinetto Fotografico da Galleria degli Uffizi.

Um dos aspectos mais prazerosos de escrever este livro foram minhas visitas aos *châteaux* construídos ou usados por Catarina. Por sua gentileza durante essas visitas – onde me foram mostrados quartos que não estão abertos à visitação do público em geral –, gostaria de agradecer muito à senhora Gun Nihlèn Patou, *conférencière* da RMN, em Fontainebleau; senhor Eric Thierry Crepin Leblond, *conservateur général* do Château de Blois e equipe; senhor Voison, *conservateur* do Château de Chenonceau e equipe; senhor Sueau, *secrétaire général* do Château d'Amboise e equipe; e senhora de Gourcuff, *administrateur* do Château de Chambord e equipe.

Um grande número de amigos emprestaram-me livros de seu acervo particular, discutiram diferentes aspectos da vida de Catarina conforme seus pontos de vista como especialistas, e no geral deram uma valiosa contribuição ao meu trabalho de diferentes maneiras, e gostaria assim de agradecer a: embaixador francês senhor Daniel Bernard, marquesa Ginevra di Bruti Liberatori, marquês e marquesa Pierre d'Angosse, embaixador português senhor José Gregorio Faria, senhora Antonia Fraser, senhor Mark Getty, sir John Guinness, sua real alteza príncipe Michael de Kent, visconde Lambton, senhora Robert Nadler, doutor Guy O'Keeffe, senhor Andrew Ponton, embaixador da Espanha marquês de Tamarón, lorde Thomas de Swynnerton, senhora Anne Somerset, professor Norman Stone, senhora Claire Ward, lorde Weidenfeld e conde Adam Zamoyski.

Foram heroicas a delicadeza e a lealdade de meu editor Ion Trewin, na Weidenfeld and Nicolson, ao longo de todo este projeto. Minha gratidão também ao meu *publisher*, Anthony Cheetham, e à minha agente, Georgina Capel, cuja confiança em *Catarina* nunca vacilou. Saúdo Ilsa Yardley por sua excelente edição de texto, e à indispensável Victoria Webb, minha editora assistente. Devo agradecer também a Tom Graves por sua inspirada pesquisa de imagens.

Finalmente, meu amor e meu agradecimento a Andrew Roberts por sua sempre presente sensibilidade, comentários, bons conselhos e por me manter animada quando eu pensava em devolver o dinheiro e fugir; e aos meus pais e a minha família, especialmente Lil' e Jake, Deus os abençoe por tudo o que vocês têm me dado.

Leonie Frieda
Outubro de 2003
www.leoniefrieda.com



PRÓLOGO

A MORTE DE UM REI

Enfeitiçado pelo bruxo que fez sua
previsão tão maldosamente e tão bem

Junho-julho de 1559

No final de tarde de sexta-feira, 30 de junho de 1559, uma longa lasca de madeira da lança de uma justa perfurou o olho e o cérebro do rei Henrique II da França. A venenosa ferida inchou seu rosto, privando-o gradualmente da visão, da fala e da razão, e depois de dez dias de sofrimento o rei morreu no Château des Tournelles, em Paris. Sua morte não foi apenas trágica – iria revelar-se calamitosa.

A justa havia sido parte das celebrações que marcavam a assinatura em abril do Tratado de Cateau-Cambrésis, que pôs fim à ruínosa série de guerras entre França e Espanha pela disputa da Itália. Muitos franceses ficaram consternados, achando que a Itália havia sido entregue por uma mera assinatura, e ninguém sentia isso mais intensamente que a esposa florentina de Henrique, Catarina de Médici, cuja esperança de recuperar seu patrimônio desaparecera junto com a paz. Mesmo assim, teve um consolo com esse tratado: sua filha mais velha, Elisabeth, iria casar-se com o partido mais cobiçado da Europa, o rei Felipe II, da Espanha. Um incentivo adicional propiciou um marido à irmã solteirona de Henrique, Margarida, a melhor amiga de Catarina, que aos 36 anos de idade praticamente não era mais considerada casável. Ela iria desposar o aliado de Felipe, Emanuel-Filiberto, duque de Saboia, um vigoroso soldado com o apelido pouco promissor de “Cabeça de Ferro”.

Não se perdeu tempo em providenciar os casamentos. Determinado a mostrar a Felipe que a França não sofria nenhuma diminuição apesar de

ter sacrificado a Itália, Henrique – embora sufocado por dívidas de guerra – tomou emprestado mais de 1 milhão de *écus* “para custear os preparativos desses triunfos”.*

Homem vigoroso e robusto, ele se sobressaía na justa e havia promovido competições de cinco dias em grande parte para ostentar sua habilidade. Tanto Henrique quanto Catarina ficaram, é claro, desapontados quando Felipe – viúvo desde a recente morte da rainha inglesa, Maria Tudor, no ano anterior – anunciou que não viria a Paris pessoalmente. Bem ao seu estilo, o meticuloso monarca deu como justificativa a tradição, dizendo: “O costume pede que os reis de Espanha não vão buscar suas esposas, mas que sejam elas trazidas até eles”.¹ Em seu lugar, o noivo enviou um deplorável substituto – o severo soldado estadista Fernando Alvarez de Toledo, duque de Alba.

Com a ascensão do protestantismo na França ameaçando seriamente tanto a autoridade do rei quanto a unidade do país, Henrique fora obrigado a estabelecer a paz com Felipe. No início de junho, Henrique expedira um decreto anunciando uma cruzada para livrar seu reino da “escória luterana”, e, enquanto não era possível fazer muito mais até a partida de seus augustos convidados, ordenou a prisão de vários protestantes proeminentes em Paris. Rapidamente julgados e sentenciados à morte na fogueira por heresia, a captura deles gerou consideráveis protestos e a execução foi suspensa até que terminassem as celebrações. Os homens condenados aguardaram seu destino nos calabouços da prisão de Le Châtelet em Paris, enquanto perto dali, na ampla rua Saint-Antoine, perto do Château des Tournelles, era possível ouvir as pedras do pavimento sendo arrancadas para dar lugar às arenas das justas e à construção de arquibancadas para os espectadores e de arcos triunfais com os brasões de armas da Espanha, da França e da Saboia.

Arautos anunciaram o desafio real, segundo o qual sua majestade o rei da França, seu filho mais velho Francisco, o delfim, o duque de Guise e outros príncipes da corte francesa iriam enfrentar todos que chegassem. Sir Nicholas Throckmorton, o embaixador inglês, relatou: “O próprio rei, o delfim e os nobres [...] de fato todos os dias testaram a si mesmos no duelo com lança

* O sistema monetário francês no século XVI era complexo. A moeda mais importante era o *écu d'or* (coroa ou escudo). Dependendo da data exata, era equivalente a cerca de dois *livres tournaís*. O *livre* (“libra”) era dividido em vinte *sous* (“soldos”), que por sua vez eram divididos em doze *deniers*.

que é sempre muito magnífico e suntuoso”.² Os parisienses adoravam um espetáculo, mas ficaram preocupados quando Alba com seu séquito chegou em 15 de junho. Os costumes espanhóis sempre se mostravam austeros, mas as roupas escuras e de aspecto agressivo deixaram os franceses imaginando que talvez ocorresse uma afronta deliberada. Poucos dias depois, tudo isso ficou esquecido quando Henrique recebeu seu ex-inimigo no palácio do Louvre. Emanuel-Filiberto de Saboia veio escoltado por 150 homens com vistosos trajes e coletes escarlate, sapatos combinando e capas de veludo preto bordadas com fios de ouro.

Na quinta-feira, 22 de junho, Elisabeth da França, aos catorze anos, casou-se com Felipe da Espanha, 32 anos, por procuração, na catedral de Notre-Dame. Após o casamento, teve lugar um ritual primitivo. Elisabeth e Alba subiram numa imensa cama cerimonial – cada um com uma perna desnuda. Quando seus membros se tocaram e eles esfregaram seus pés, o casamento foi declarado consumado. Seis dias mais tarde, na quarta-feira 28 de junho, as justas começaram.

Na sexta-feira, terceiro dia do torneio, o tempo ficou quente e pesado. A rua Saint-Antoine desfrutava de pouca sombra e grande número de camponeses havia subido aos telhados das casas para ver o rei entrar na arena. Durante semanas, damas e cavalheiros da corte haviam preparado “seu belo e custoso vestuário”, alguns trazendo no corpo o valor total de seus bens.³ Com a intenção de deslumbrar nas celebrações, Catarina encomendara trezentas peças de tecido de ouro e prata da Itália para seus vestidos; extravagante por natureza, deleitava-se em usar confecções régias. Um observador notou que era difícil saber se eram as joias ou o sol que brilhava mais. O rei nunca parecera tão feliz.

O mesmo não pode ser dito de sua esposa. Sentada com o filho, o delfim, e tendo ao lado a imponente figura de sua cunhada, Maria, rainha da Escócia, Catarina estava visivelmente ansiosa.* Na noite anterior, sonhara que o marido jazia ferido no chão, o rosto coberto de sangue.⁴ A crença inabalável da rainha em videntes e astrólogos deu-lhe todo motivo para ficar temerosa. Em 1552, Luca Guorico, astrólogo italiano da família Médici, advertira Henrique

* Com 1m78 de altura, Maria, rainha da Escócia, era uma mulher excepcionalmente alta para os padrões do século XVI.

que ele deveria tomar especiais cuidados por volta dos seus quarenta anos, e “evitar todo combate individual em um espaço fechado”, pois corria risco de uma ferida que poderia cegá-lo ou mesmo tirar-lhe a vida. Henrique tinha agora quarenta anos e quatro meses. Além disso, em 1555, Nostradamus havia publicado sua profecia nas *Centúrias*, quadra número LXXXV:

O jovem leão irá superar o velho,
 Numa arena de combate em luta individual.
 Irá perfurar seus olhos numa gaiola de ouro,
 Duas feridas em uma, e então terá morte cruel.

Citando esses maus presságios, pois o velho leão podia ser interpretado como o rei, e a gaiola de ouro como sua viseira, Catarina implorara ao marido que não participasse da justa naquele dia. Supõe-se até que ele teria comentado com o próprio homem que iria acidentalmente atingi-lo e derrubá-lo: “Não me importa se minha morte ocorrer dessa forma [...] Até preferiria que fosse assim, morrer pelas mãos de qualquer um, desde que seja alguém bravo e valente e que eu preserve minha honra”.

A amante de Henrique estava ostensivamente acomodada, rodeada por damas da corte. A refinada Diana de Poitiers, duquesa de Valentinois, era dona do coração do rei desde que ele era adolescente. Agora com quase sessenta anos, “Madame”, como era conhecida por todos – inclusive pela rainha –, não perdera nenhum de seus encantos, pelo menos aos olhos dele, e era ainda “a dama que eu sirvo”. Fria, distante e elegante, Diana ficara viúva em 1531. Desde a morte do marido, vestia apenas luto de preto e branco, sabendo o quanto isso a favorecia, particularmente junto aos cortesãos tão preocupados com a própria aparência. Catarina, quarenta anos, roliça e troncada após dar à luz dez filhos, havia muito tempo dominava a “arte do fingimento oportuno” e, com raríssimas exceções, passara os últimos 26 anos fingindo com elegância não perceber o quanto “Madame” escravizara totalmente o marido, que ela pateticamente adorava.

Henrique começou o dia se saindo bem nas justas. Usando as cores preto e branco de Diana, ele venceu os desafios dos duques de Guise e de Nemours. Satisfeito com o cavalo que lhe fora dado por Emanuel-Filiberto da Saboia, Henrique graciosamente gritou para ele: “Foi seu cavalo que me ajudou a combater bem hoje!”. A essa altura, o rei estava cansado, mas insistiu

em cavalgar mais um combate. Catarina enviou mensagem pedindo que não prosseguisse. Irritado, Henrique mesmo assim respondeu com gentileza: “É justamente por você que eu luto”. Uma vez mais montou o cavalo – que profeticamente tinha o nome de Malheureux [Infeliz]* – e preparou-se para enfrentar o valente jovem capitão de sua guarda escocesa, Gabriel, conde de Montgomery. Enquanto isso, dizem que um garoto no meio da multidão quebrou o silêncio da expectativa com um grito: “O rei vai morrer!”. Alguns momentos depois, os dois homens se chocaram e Montgomery quase derrubou Henrique de sua sela. Eram cinco da tarde e alguns espectadores levantavam-se para ir embora. O rei estava de bom humor, mas quis uma revanche. Embora Montgomery tivesse ficado com medo e implorasse que lhe fosse permitido retirar-se, Henrique insistiu com o grito: “É uma ordem!”. Catarina de novo implorou que o rei parasse. Ignorando-a, pediu seu elmo ao marechal de Vieilleville, que disse: “Senhor, juro por Deus que nas últimas três noites sonhei que hoje, este último dia de junho, seria fatal para o senhor”.⁵ Henrique dificilmente poderia ter ouvido essas palavras, porque não esperou pela costumeira clarinada que sinalizava o começo da corrida. Os dois cavaleiros partiram a toda um em direção ao outro. Quando se chocaram com um estalo de uma madeira soltando lascas, Henrique, os braços agarrando o pescoço do cavalo, “fazia muitos esforços (oscilando para a frente e para trás) para se manter montado no cavalo”.⁶ A rainha soltou um grito e a multidão num clamor levantou-se e foi postar-se aos pés dela.

Os dois homens mais poderosos da França depois do rei – o duque de Montmorency e o duque de Guise – avançaram correndo para evitar que Henrique caísse da sela. Fazendo-o descer até o chão, removeram sua armadura. Encontraram a viseira meio aberta e seu rosto banhado em sangue, com lascas de madeira “de bom tamanho” projetando-se de seu olho e de sua têmpora. O rei estava “muito fraco [...] quase dormente [...] não movia mão ou pé, jazia como alguém estupefato”.⁷ Vendo isso, seu jovem oponente implorou ao seu soberano que sua cabeça e suas mãos fossem-lhe decepadas, mas: “O rei, com seu bom temperamento, que por sua bondade não tinha igual

* Alguns historiadores argumentam ser improvável que um cavalo presenteado ao rei tivesse recebido um nome como Malheureux, e que esse nome deve ter sido dado apenas após o acidente.

em seu tempo, respondeu que não estava com raiva [...] e que não tinha o que perdoar, desde que ele obedecera ao rei e se portara como um bravo cavaleiro”.⁸ A multidão se aproximou para poder ter algum vislumbre de Henrique, que foi levado ao Château des Tournelles. Ali, os portões foram trancados e ele insistiu em subir a grande escadaria a pé, mas com gente segurando sua cabeça e sustentando-o por debaixo dos braços. Foi uma triste procissão. O delfim, que previsivelmente desmaiara, foi carregado para cima depois do rei, seguido por Catarina e os nobres mais velhos. Desabando na cama, Henrique imediatamente tentou juntar as mãos em oração e bater no peito em contrição por seus pecados. Era como se já estivesse preparando-se para morrer.

“Havia um grande e magnífico lamento e choro por ele, tanto por parte dos homens quanto das mulheres”, escreveu Throckmorton, e temia-se que o rei não fosse viver por muito tempo. Os cirurgiões reais foram chamados. A bravura de Henrique foi singular quando os médicos tentaram remover as lascas. Com ânsias de vômito de tanta dor, apenas uma vez ouviu-se o desafortunado paciente gritar. Os costumeiros remédios assustadores (pelos padrões modernos) foram prescritos: submeteram-no a sangrias, purgantes e deram-lhe um pouco de mingau de cevada que ele prontamente vomitou, foram “aplicados refrigérios” e a ferida foi coberta com clara de ovo. Depois disso, ele mergulhou num estado de semiconsciência febril e foi cuidado naquela noite pela esposa, pelo duque de Saboia e pelo irmão do duque de Guise, o cardeal de Lorena. O rei teve um “descanso muito ruim” e às três da manhã a vigília foi trocada. Levada para recolher-se, Catarina parecia em estado de choque.

Enquanto isso, Saboia chamara o cirurgião pessoal de Felipe II, André Vesalius. As cabeças decapitadas de vários criminosos que haviam sido executados no dia anterior foram trazidas para o renomado médico. Ele e Ambroise Paré (sua contrapartida na França) experimentaram com fragmentos denteados de madeira, tentando reproduzir a ferida nos crânios dos cadáveres. Enquanto discutiam os resultados inconclusivos de seus pavorosos experimentos, Henrique continuava seu declínio. Em seus breves períodos de lucidez, pedia música, e ditou uma carta ao embaixador francês em Roma expressando a esperança de que a luta que acabara de começar contra os heréticos pudesse prosseguir caso ele se recuperasse. A notável ausência de Diana de Poitiers refletia a condição desesperadora de Henrique. “Madame [...] não entrou no dormitório desde o dia da ferida, por medo de ser expulsa pela

rainha”, observou um cronista.⁹ Catarina havia partilhado toda a sua vida de casada com Diana, mas esses últimos momentos pertenciam somente a ela. Em outra parte do *château*, Diana aguardava ansiosa por notícias de seu amante. Duas noites antes de Henrique morrer, um oficial foi enviado pela rainha, pedindo a devolução de várias joias pertencentes à Coroa que Henrique dera à sua ambiciosa amante. “O quê! Ele morreu?”, dizem que ela teria perguntado. “Ainda não, Madame”, disse o oficial, “mas não deve durar muito.”¹⁰ Diana respondeu que, enquanto o corpo do rei respirasse, não iria desanimar, e que não obedeceria “a ninguém, exceto a ele”.

Na noite de 4 de julho a temperatura do rei subiu acentuadamente. A septicemia se instalara. Falava-se em trepanar o ferimento para aliviar a pressão e diminuir a dor, mas a remoção das bandagens revelou tal quantidade de pus que a ideia foi abandonada. Henrique estava condenado e nada mais podia ser feito a não ser aguardar sua morte. Este era o evento que Catarina vinha temendo desde que se casara com Henrique aos catorze anos. Fora uma esposa intensamente dedicada e apaixonada. Sempre com medo de perdê-lo, ela e suas damas haviam vestido luto toda vez que ele partia para a guerra. Durante suas expedições marciais, quando não estava constantemente escrevendo e pedindo notícias dele, ficava em orações e fazendo oferendas extravagantes, segurando firme seus muitos amuletos e sortilégios para assegurar a volta dele são e salvo. Embora sempre tivesse temido as profecias sombrias, não havia se preparado para isso.

Alternando orações e lágrimas, Catarina corria de seu marido moribundo para o delfim, acamado e revirando-se no leito, gemendo e chorando, como se tivesse perdido o juízo ao ficar batendo a cabeça contra a parede. No final, ela não se sentia capaz de assistir a Henrique perdendo a visão e a fala. Em seus últimos momentos de lucidez, ele mandara o filho escrever a Felipe da Espanha encomendando sua família e seu reino à sua proteção. Segurando as mãos dele, disse: “Meu filho, você vai ficar sem seu pai, mas não sem a bênção dele. Rezo para que você tenha melhor sorte que eu tive”. “Meu Deus! Como posso viver se meu pai morre?”, gritou o delfim, e imediatamente desmaiou de novo.

Dizem que o rei chamou Catarina em 8 de julho e, depois de insistir que a rainha garantisse que o casamento da irmã dele Margarida fosse adiante, “ele entregou a ela seu reino e seus filhos”.¹¹ Na noite seguinte, o casamento sem alegria de Margarida com o duque de Saboia foi devidamente realizado

no quarto de Elisabeth, com a missa sendo rezada às pressas, por temor que a morte do rei ocorresse antes do fim da cerimônia. Catarina estava atormentada demais para comparecer. Na manhã seguinte, ao raiar o dia, Henrique recebeu a extrema-unção e à uma da tarde morreu.¹² Anos depois, sua filha Margot relembrou a morte do pai como “o odioso golpe que privou nossa Casa de felicidade e nosso país de paz”.¹³

Nos últimos dias do rei, os homens mais poderosos do país reuniram-se em volta da cama de seu mestre. Mas não estavam unidos. O duque de Montmorency, grão-mestre e condestável da França, havia sido mentor, amigo e pai substituto de Henrique. Militar e conservador, era, depois da Coroa e da Igreja, o maior proprietário de terras da França, desfrutando do apoio inquestionável de seus feudos. Embora fosse católico, alguns membros de sua família haviam recentemente se tornado protestantes ou simpatizantes do protestantismo. No último ano de vida de Henrique, o condestável havia se aliado a Diana, a amante do rei, para manter seus rivais, os irmãos Guise, distantes do poder.

Os dois irmãos Guise mais velhos, de um ramo menor da Casa de Lorena (um ducado no nordeste da França), também tinham condições de recorrer ao apoio de muitos vassalos habituais. O mais velho – duque Francisco – era um herói de guerra popular. Soldado bravo e distinguido, havia sido um favorito do falecido rei. Seu irmão, Carlos, cardeal de Lorena, político habilidoso e um cortesão destacado, era também o inquisidor chefe da França. Os dois, ambos ultracatólicos e com talentos complementares, formavam uma dupla formidável. Ultimamente haviam perdido um pouco os favores por não apoiarem a devolução das possessões italianas da França no recente tratado. Isso, em contrapartida, aproximara ambos das simpatias de Catarina. Agora esperavam um papel central no governo do país, mesmo porque eram os tios de Maria, a rainha dos escoceses de dezesseis anos – esposa do frágil filho mais velho de Catarina, o delfim –, que se tornara então, após a morte de Henrique, a nova rainha da França. Para intensa irritação de Catarina, Maria exercia enorme influência sobre seu marido, que, embora adolescente, era agora o rei Francisco II, e também podia contar com seus tios para orientá-la em questões importantes e menores.

Desde o acidente, Paris deixara de ser uma cidade festiva e cheia de gente pelas ruas e se tornara um lugar silencioso, onde a grande maioria das pessoas andava perplexa e triste com a perda de seu rei. Também, com justa razão,

sentiam-se temerosas diante das incertezas políticas que o reino tinha pela frente. “O palácio passou de um casamento para um velório”, escreveu um observador, e nas ruas as pessoas comuns lamentavam sinceramente o falecimento de seu soberano. A proclamação do rei Francisco II deu-lhes poucos motivos para se sentirem encorajadas.

Montmorency e outros nobres veteranos da facção não Guise permaneceram junto ao corpo do falecido rei enquanto os cirurgiões lhe removiam o coração e as entranhas para enterrá-las em separado, a fim de embalsamarem o corpo. Por todo o Château des Tournelles foram montados altares, e as salas e corredores foram cobertos por panos pretos. Em volta do corpo embalsamado do rei revezavam-se bispos e outros homens de Igreja. Os clérigos, rodeados por altos círios, ajoelhavam-se e entoavam salmos aos mortos, e o quarto de Henrique transformava-se numa capela ricamente decorada, com um altar em cada ponta de sua cama. Em bancos cobertos de tecido prateado sentavam-se súditos de alto e baixo escalão, que compareciam a uma das seis missas fúnebres realizadas diariamente pela alma do Rei. Catarina também prestava reverência ao falecido marido, depois de 26 anos juntos. Ajoelhada diante dele, dava adeus ao seu corpo enquanto os que permaneciam no *château* iniciavam a elaborada vigília de quarenta dias.

Durante esse período crítico, o condestável Montmorency e seu grupo foram postos de lado, à medida que os Guise assumiam os principais cargos de Estado. Embora Montmorency – a quem Francisco II odiava – provavelmente tivesse previsto alguma perda de poder, dificilmente poderia ter imaginado a extensão de seu afastamento. De fato, as alterações haviam começado antes da morte do rei; os Guise haviam falado em promover o *impeachment* do condestável por ele não ter cuidado melhor da segurança do rei durante os combates do torneio, enquanto o velho homem vagava pelos corredores, inconsolável diante da perspectiva de perder seu mestre, amigo e companheiro de armas.

Deixando o corpo do falecido rei aos cuidados de Montmorency e seus aliados, os Guise sabiam que precisavam se firmar no poder antes que o país tivesse tempo de reagir à tragédia. Uma séria ameaça à sua hegemonia podia ser prevista da parte do primeiro príncipe de sangue, Antônio de Bourbon, e seus irmãos. Os Bourbon, como os Valois, eram ambos descendentes da dinastia dos Capeto, que governara a França desde 987. Em 1328, Carlos IV, “o Belo”, morreu sem deixar herdeiro varão e o ramo principal dos Capeto se

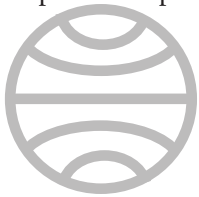
extinguiu, passando a Coroa aos Valois, um ramo menor da dinastia. Caso os quatro filhos sobreviventes de Henrique e Catarina morressem sem deixar herdeiros, a família Bourbon era a próxima na linha de sucessão ao trono. Legalmente, como únicos príncipes de sangue além daqueles quatro príncipes Valois, os Bourbon iriam dominar qualquer conselho de governo. Embora Antônio de Bourbon fosse preguiçoso, egoísta e de vontade fraca, os Guise não queriam correr riscos desnecessários e decidiram que o novo rei deveria ser removido para o Louvre, longe de seus rivais. Para isso, Francisco e sua esposa, além dos filhos mais novos de Catarina, foram reunidos para fazer a curta viagem por Paris. A lúgubre figura abatida da rainha matrona, toda de preto, inesperadamente se juntou ao grupo. Ela rejeitou não só o branco do luto das rainhas francesas, mas a tradição que pedia que ficasse reclusa por quarenta dias no local em que o marido havia morrido. Catarina sabia que não deveria quebrar o costume. Mas apesar de arrasada com sua perda, era essencial para o *coup d'état* dos Guise.

No reinado de seu marido, Catarina evitara com habilidade apoiar abertamente tanto a facção dos Guise quanto a de Montmorency. Mantendo uma disposição afável e boas relações com ambas, ela com frequência buscava seu conselho e ajuda, desarmando-as com sua aparente humildade. Embora não soubessem disso, ela detestava ambos os grupos quase na mesma medida. Não esquecia os malfeitos passados deles, as adulações a Diana de Poitiers e a imensa influência que tinham sobre seu falecido marido. Eles, em troca, quase sempre haviam ignorado a rainha, subestimado muito a inteligência dela e o orgulho que ocultava. Enquanto isso, embora o rei Francisco II tecnicamente tivesse idade suficiente para governar, suas óbvias fragilidades tanto físicas quanto mentais exigiam um conselho para administrar o país. Para proteger o filho, os filhos menores e a si mesma, Catarina teve que se juntar à trama dos irmãos Guise.

Aos Guise não faltavam inimigos: uns tinham inveja de sua riqueza e poder, outros não partilhavam de seu ultracatolicismo, e havia ainda quem os visse como invasores e usurpadores. Os irmãos precisavam de Catarina para legitimar sua posição, pois a presença dela emprestava-lhes sua aprovação implícita. Assim, ao que parece, houve um pacto não expresso entre a viúva e os Guise. Os portões do Château des Tournelles foram abertos para permitir que as carruagens reais partissem para o Louvre e para que a multidão do lado de fora pudesse assistir à partida da família real. Vários observadores lembram

do duque de Guise carregando um dos filhos mais novos de Catarina no colo, transmitindo uma forte imagem de proteção paternal. Maria foi vista dando um passo atrás para deixar a sogra entrar na carruagem primeiro, mas Catarina entendia seu novo lugar e parecia até se comprazer com ele, insistindo publicamente para que a nova rainha tivesse precedência.

Pela primeira vez, Catarina teria um papel que pertencia exclusivamente a ela. Havia dividido o marido com Diana de Poitiers. Tivera em larga medida que compartilhar a condição de rainha da França com Diana; fora até obrigada a partilhar a criação de seus filhos mais novos com a favorita. Agora, porém, sua viuvez seria só dela. Pelo resto de seus dias, iria guardá-la ciosamente. Sua vida seria dedicada à memória de Henrique e de seus filhos, pois eram o legado dele à França. Ela seria a guardiã da monarquia e da lenda do marido, aprendendo a moldar a história de acordo com as suas próprias necessidades. Após um período de vida atrás de uma máscara de complacente autoanulação, a rainha-mãe, de quarenta anos, coberta de luto pela viuvez, dava os primeiros passos cautelosos para tornar-se senhora da França.



Planeta